

## filosofia de quitanda

Vagner Ribeiro

Tem lá na Rua de Cima  
Quitandeiro viverdor  
Nunca morreu nem inveja  
O cabra que é morredor  
Só bebe quando dá sede  
É daqueles que armam rede  
Conferindo o armador

Viajou do Ceará  
Por Brasília e Maranhão  
Vendeu peixe e rapadura  
Fez da vida uma lição  
Correu trecho aqui, ali  
E se abancou no Piauí  
Pra firmar seu ganha pão

Escolheu Piripiri  
Pela sorte que Deus manda  
Pesquisa tudo na vida  
Presta atenção onde anda  
Aprendiz da profissão  
É professor no balcão  
E a escola é a quitanda

Quitanda, bodega ou venda  
Pra quem vai negociar  
Tem as técnicas necessárias  
Que agora eu vou narrar  
São regras da experiência  
Do tempo e da paciência  
De quem sabe trabalhar

Não se iluda com o novo  
Que o velho é que dá certeza  
Bonito, moderno e rico  
Muitos terminam em tristeza  
Pois o bom comerciante  
Maduro ou iniciante  
Não depende da riqueza

Onde mora o povo pobre  
É melhor pro vendedor  
O rico só quer vantagem  
Difere do lutador  
Que dá lucro indo e voltando  
Vem vendendo e sai comprando  
Fiel na compra que for

Tem gente inexperiente  
Que pensa em crescer ligeiro  
Faz logo um investimento  
Pra ganhar o mundo inteiro  
Se aperreia feito um louco  
E esquece que o lucro pouco  
É esse o que dá dinheiro

Toda coisa tem seu tempo  
Pitomba, jaca e romã  
Nunca se apressar na vida  
Poupar o *diazepan*  
É o preparo do esperto  
O que hoje não der certo  
Na certa dá amanhã

A esperteza do comércio  
É investir na amizade  
Servindo bem o freguês  
A coisa vai de verdade  
Guarde a fé que tem no nome  
Pois o futuro do homem  
Está na honestidade

Se um menino faz uma compra  
Que você bem atendeu  
Agrade-o com um bombom  
E veja o que aconteceu  
Voltam velhos e garotos  
Pois não junta o que é dos outros  
Quem não espalha o que é seu

Cidadão gritou de fora  
Um produto procurando  
Mesmo que você não tenha  
Convide-o pra ir entrando  
Desculpe-se com ele dentro  
E num gesto muito atento  
Diga: “tem, mas está faltando”

Se você dissesse “não”  
Sem ele ao menos entrar  
Aquele freguês na certa  
Lá não ia mais voltar  
É um costume que se aplica  
A Psicologia explica  
Do “não” sempre ia lembrar

Na quitanda tem detalhes  
Que não dá nem pra contar  
Por exemplo, animais  
Nem tudo pode criar  
Melhor que o bicho é uma planta  
Quem cria cachorro, espanta  
Aquele que vem comprar

Toda coisa tem sua venda  
Depende do vendedor  
Sem pressa pendure tudo  
Chinela, corda, o que for  
Disponha tudo atrepanado  
Enxada velha, machado  
Pra tudo tem comprador

No comércio a paciência  
É a grande sabedoria  
Uma promoção constante  
É trabalho e simpatia  
Freguês de recebe em pé  
E assim quando se dá fé  
Já foi-se a mercadoria

Tem produto que se vende  
Só pra ter mercadoria  
Não dá lucro, mas atende  
Ao gosto da freguesia  
É a isca pra chamar  
Se acaso ele faltar  
Muita venda se perdia

Um cabra passou vendendo  
Seja lá que bicho for  
Nunca diga só “não quero”  
Converse com o vendedor  
Dê atenção que o povo gosta  
Pense e bote uma proposta  
Pequena, mas com valor

Na hora ele diz “não quero”  
Por achar muito barato  
Ganha o mundo oferecendo  
Mas ninguém faz um contato  
Cresce o dia e a hora aperta  
E ele volta à sua oferta  
A única que viu de fato

Quem chegar já é cliente  
Merece toda atenção  
Se for político, receba  
Mas não dê opinião  
Faça chuva ou faça sol  
Não discuta futebol  
Chifre ou religião

Agradecer toda compra  
Pelo muito e pelo pouco  
Conversar com o freguês  
Mesmo quando estiver rouco  
Respeitar moça e rapaz  
Perguntando: “o que era mais?”  
Contando, confira o troco

Clientela satisfeita  
É a melhor propaganda  
A atenção ao comprador  
É aí que a venda anda  
Tudo sai, nada se empilha  
Gentileza é a cartilha  
Do sucesso da quitanda

Quem segue a filosofia  
Veste a toga e deixa o trapo  
Quem zela sua freguesia  
Supera qualquer sopapo  
Meu avô nem leu Platão  
Mas sabe: de grão em grão  
A galinha enche o papo

Crise existe em todo tempo  
Pra quem não sabe é pior  
Mas um homem preparado  
Desamarra qualquer nó  
Cantando não sai do tom  
E tem que dizer “tá bom”  
Pra ver se fica melhor

Se alguém falar em fiado  
Escute bem o que eu digo  
Preze a boa amizade  
Não venda pelo perigo  
De perder num mesmo dia  
Controle, mercadoria  
O freguês e o amigo

Se o freguês falar baixinho  
Escute, mas com cuidado  
Saber dizer não com jeito  
É um sim de resultado  
Resolva de uma vez só  
Doar um item é melhor  
Que perder dez no fiado

Sei que é muita paciência  
Pra viver desenrolado  
Prestar atenção a tudo  
Com a calma de um boi erado  
O sossego é o bom da festa  
Pois pra ser doido não presta  
Quem é muito agoniado

Conselho de economia  
Que não sai fora de linha  
É guardar sempre um trocado  
Não vender toda a farinha  
Seguir o saber do povo  
Pra nunca contar com o ovo  
Nas entranhas da galinha

O cabra que é quitandeiro  
Tem que aplicar bem o cobre  
Alertar toda a família  
Aos limites que se dobre  
Cada qual faça seu bico  
Pra que não haja pai rico  
Filho nobre e neto pobre

O comércio é assistência  
Não cochile no balcão  
Organize o tempo e lembre  
Que primeiro a obrigação  
Trabalhar com alegria  
(Era o que vovó dizia)  
Pra depois a devoção

Fé, coragem e persistência  
É o segredo precioso  
O trabalho é a diversão  
Não entende o preguiçoso  
Que seu serviço é dobrado  
O homem colhe o plantado  
E o comércio é milagroso

Procurar ter fé em Deus  
É bom que ninguém discorde  
Respeitar o ser humano  
Se benzer quando se acorde  
Gesto pequeno que pesa  
Pois bem, o homem que reza  
Esse a cobra não morde

Vou terminando a palestra  
Pra não me tornar comprido  
Mas a lição não termina  
Não tem fim nem tem sabido  
Ande e procure aprender  
Pois ao homem cabe ser  
Ou bem lido ou bem corrido.

Filosofia de Quitanda é baseado na experiência comercial de **Elias Ribeiro Lima**. Cearense da safra de 1950 que adotou o Piauí na década de 1970, quando abriu sua quitanda, na Rua de Cima, na cidade de Piripiri - PI.

A exemplo de muitos nordestinos que vivem do comércio, é um autêntico negociante, de instalações simples, num tradicional secos e molhados.

As raridades encontradas na sua quitanda vão desde o famoso Q-suco com pão, bainha pra foice, baladeira, fogareiro, alpercatas, pamonha de buriti e enxadecos a uma coleção de cachaça serrana, temperada com raiz de pau, cada uma com sua função medicinal, que **Seu Elias** indica na hora, salientando que não precisa pagar a receita, só o “remédio”. Ali se tem: a rapa do chifre do bode preto, moleque magro, cabeça do parente, pitoco, velame verdadeiro, imbiriba, milome, a rapa do dente da velha que morreu na beira do Rio Longá com 114 anos e ainda fazia crochê, etc.. É comum o palavreado de Seu Elias vir entremeado por histórias, versos de cordel, loas ou rompantes.

Tenho plena consciência de que Filosofia de Quitanda é apenas uma pequena amostra da experiência de Seu Elias e seu admirável tino comercial. Seu maior legado é um incontável número de amigos, de variadas idades, que cultiva ao longo dos anos, numa troca saudável de experiências, sabedoria e cultura popular, fomentada pelas palestras diárias dos que passam por sua quitanda.

**Vagner Ribeiro** é músico. [www.vagnerribeiro.com.br](http://www.vagnerribeiro.com.br)